

8**Nos labirintos do espelho digital: a idealização da imagem e o eclipse da alteridade na adolescência hiperconectada**

In the labyrinths of the digital mirror: the idealization of image and the eclipse of otherness in hyperconnected adolescence

Franciele Caetano Soares da Silva³³

Maria Eduarda Malta Ramos³⁴

Ramyle Vívian de Lima Santos³⁵

Widicleia de Oliveira Santos Lopes³⁶

<https://doi.org/10.5281/zenodo.22308997>

Resumo: Este artigo conversa sobre um problema que já bate à porta de quase toda casa com adolescente dentro: o que a hiperconectividade digital anda fazendo com a capacidade desses jovens de enxergar o outro e de sustentar laços. A gente parte de uma cena paradoxal, por mais conectados que estejam, tela colada na mão, muitos adolescentes não conseguem segurar um vínculo presencial que se sustente no tempo. Daí a hipótese que guia o texto: o uso exagerado e sem filtro das redes sociais vai corroendo habilidades relacionais que são a espinha dorsal da convivência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, apoiada nas ideias de Freud e Lacan, com destaque para a teoria do estágio do espelho, e no diálogo com Zygmunt Bauman, Sônia Albert, Christian Dunker, Colette Soler, Andrea Brunetto, entre outros autores que ajudam a pensar identidade, afeto, a fluidez dos vínculos e a ética do encontro com o outro. O que os resultados mostram é que o ambiente digital é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que abre portas simbólicas, intensifica a comparação e alimenta idealizações de perfeição impossíveis de alcançar, o que deixa terreno fértil para o sentimento de “não sou suficiente” e enfraquece o reconhecimento do outro como sujeito. A conclusão a que se chega é que a virtualidade não deve ser encarada como um campo minado: usada com consciência, e acompanhada pela família, pela escola e pelo cuidado clínico, ela pode, ajudar os adolescentes a construírem relações mais empáticas, éticas e duradouras, dentro e fora da tela.

Palavras-chave: Adolescência; Redes sociais; Virtualidade; Alteridade; Psicanálise

Abstract: This article discusses a problem that is increasingly present in the lives of adolescents: the impact of digital hyperconnectivity on their ability to recognize others and maintain meaningful relationships. Although adolescents are more connected than ever through digital devices and social networks, many struggle to sustain face-to-face relationships over time. The study is guided by the hypothesis that excessive and unfiltered use of social media

³³ Graduanda no curso de Psicologia da Faculdade Cesmac do Agreste, Arapiraca, Alagoas, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1776-8575>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9905441721461029>. E-mail: franciely218@gmail.com.

³⁴ Graduanda no curso de Psicologia da Faculdade Cesmac do Agreste, Arapiraca, Alagoas, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3026-8202>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8392616121699067>. E-mail: mariaeduardamramos15@gmail.com.

³⁵ Graduanda no curso de Psicologia da Faculdade Cesmac do Agreste, Arapiraca, Alagoas, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-2613-4880>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7883585297823661>. E-mail: vivianramyle19@gmail.com.

³⁶ Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. (UFAL). Coordenadora da clínica-escola e docente no curso de psicologia pela Faculdade Cesmac do Agreste. Arapiraca, Alagoas, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3486-8361>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5454334460618850>. E-mail: widicleia.santos@cesmac.edu.br.

gradually undermines relational skills that are fundamental to human coexistence. This is a qualitative and bibliographical research, supported by the ideas of Freud and Lacan, highlighting the mirror stage theory, and in dialogue with Zygmunt Bauman, Sônia Albert, Christian Dunker, Colette Soler, Andrea Brunetto, among other authors who help to reflect on identity, affection, the fluidity of bonds, and the ethics of encountering the other. The findings indicate that the digital environment has two sides: while it creates new symbolic possibilities, it also intensifies comparison and promotes idealized standards of perfection that are difficult to achieve. This can contribute to feelings of inadequacy and weaken the recognition of others as subjects. The study concludes that virtuality should not be viewed solely as a problematic environment. When used consciously and accompanied by family, school, and clinical care, digital spaces can contribute to the development of more empathetic, ethical, and lasting relationships among adolescents, both online and offline.

Keywords: Adolescence; Social media; Virtuality; Otherness; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a tecnologia digital e as redes sociais viraram do avesso o jeito como as pessoas se falam e se relacionam, e isso não é força de expressão, é o retrato mais fiel do que aconteceu. Esse movimento salta aos olhos, sobretudo, entre os adolescentes: uma geração que nasceu com o mundo virtual já grudado na pele, quase como uma segunda camada de existência. Chamados de “nativos digitais” apelido que já virou clichê, mas que ainda diz muita coisa, esses jovens tecem boa parte de suas experiências sociais dentro de plataformas como Instagram, TikTok e WhatsApp, e isso vai moldando comportamento, emoção e até a forma como cada um enxerga a si mesmo e ao outro.

Essa mudança não é só de ordem técnica. Ela mexe com algo bem mais fundo, mais subjetivo. Ao longo das últimas duas décadas, foi crescendo sutilmente, quase sem que ninguém percebesse um jeito de existir em que a linha entre estar presente e estar ausente, entre o que se vive de fato e o que se mostra para a plateia, ficou cada vez mais borrada, quase apagada.

Albert (2004) já fazia pontuações para esse fenômeno: o adolescente de hoje constrói sua relação com o outro dentro de um cenário que, ao contrário do que qualquer geração anterior viveu, multiplica contatos numa velocidade impressionante e, ao mesmo tempo, esvazia o conteúdo desses mesmos contatos. É essa ambivalência, muito contato, pouca substância. Esse é um dos fios que puxam este trabalho.

Se por um lado a internet aproxima pessoas de lugares bem diferentes do mundo e escancara o acesso à informação, à cultura, às formas de expressão que antes eram privilégio de poucos, por outro ela também trouxe nova régua para a comparação e para

a exposição. O adolescente de hoje não vive apenas a própria adolescência: ele a documenta, edita, recorta, publica, num movimento contínuo de construção de uma imagem pública de si mesmo. Soler (2016) identifica no discurso capitalista um paradoxo estrutural: ao mesmo tempo em que este discurso expande ao extremo as possibilidades de relação por meio das mais variadas tecnologias de comunicação — ampliando o alcance dos investimentos libidinais a uma escala praticamente planetária —, ele também opera, por sua orientação universalista de matriz científica, no sentido de globalizar a fantasia do Um.

Nesse movimento, os gadgets assumem a função de objeto a, produzindo um universal de fácil acesso que, no entanto, não se traduz em laço social, uma vez que o vínculo com os mais-de-gozar industrializados não equivale ao vínculo com o semelhante (Soler, 2016). A autora retoma, nesse ponto, a leitura que Lacan propõe em “A terceira”, segundo a qual a causa capitalista não promove a soldagem dos sujeitos entre si, mas os reduz, cada um, à condição de corpo isolado, à margem do laço social — configurando “uma multiplicidade inconsistente, que a imagem de um monte de areia ilustraria com precisão” (Soler, 2016, p. 16). À primeira vista, isso poderia parecer apenas mais uma curiosidade da cultura digital, um traço passageiro de época. No entanto, um olhar mais atento revela que se trata de um verdadeiro alicerce da subjetividade contemporânea, na medida em que interfere diretamente tanto na maneira como o jovem constrói quem é quanto na forma como se relaciona com quem está do outro lado.

A adolescência é, sem sombra de dúvida, uma fase decisiva no desenvolvimento humano. É o período em que o sujeito começa a montar sua identidade peça por peça, como quem monta um quebra-cabeça sem saber ainda qual é a imagem final. A questionar padrões, conhecer o mundo e suas nuances, ir em busca de autonomia e formar vínculos que fazem sentido para além dos muros de sua casa.

É também na adolescência que a capacidade de reconhecer o outro como alguém diferente de si, com sentimentos, opiniões e jeitos próprios de pensar, ganha corpo. Albert (2004) afirma que a adolescência é, inicialmente, um longo trabalho de elaboração de escolhas e um longo trabalho de elaboração da falta no Outro. Amadurecer, nesse sentido, pede contato direto com outras pessoas, convivência, trocas afetivas, habilidades que se afiam, principalmente, no corpo a corpo das interações presenciais.

O uso excessivo das tecnologias digitais vem atravancando esse processo interacional. Muitos adolescentes passam horas conectadas às redes sociais, e esse tempo, com frequência, acaba ocupando o lugar do encontro presencial. Nesse terreno, as interações se resumem a filtros, curtidas e comentários relâmpagos, além de uma corrida constante atrás de aprovação e de imagens fabricadas para parecerem perfeitas — o que faz com que as vivências nas redes sociais sejam moduladas, elevando um padrão de existência quase impossível de ser alcançado.

Nessa direção, Dunker (2017) sustenta que a vida nesses “condomínios digitais” ergue muros de indiferença sustentados pela seletividade das ofertas, filtradas por *targets* e *bigdata* que reiteram escolhas anteriores e tornam a diferença cada vez mais invisível; para o autor, esse estreitamento do mundo acaba por ampliar, de modo proporcional, o volume do eu.

Em 1930, em *O mal-estar na civilização*, Freud (2010) chamava atenção para as esquisitices do processo civilizatório, ao afirmar que “é difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida” (Freud, 1930/2010, p. 108). O discurso freudiano segue vigente, modernizado e impulsionado.

A busca da imagem idealizada se intensifica problematizando a leitura já conhecida pela psicanálise sobre o olhar do outro, na qual se entende que todo amado está aquém do que se espera dele, pois há no ideal algo de irrealizável (Brunetto, 2008). Essa lógica dificulta o desenvolvimento de habilidades sociais mais profundas: ter paciência para ouvir o outro, ver o outro em sua diferença, bem como ver sua diferença diante do outro e saber lidar com frustrações a nível de realidade não editada.

Do ponto de vista da psicanálise lacaniana, o sujeito do inconsciente se constitui enquanto estrutura de linguagem. Como observa Mendes (2020), a própria condição de seres falantes evidencia que o sujeito não é regido exclusivamente por determinações corporais, uma vez que, desde o nascimento, a linguagem o atravessa integralmente, constituindo-o como sujeito banhado de cultura. Essa constituição se dá, portanto, no encontro com o Outro e com os outros que vão demarcando o percurso de uma vida. Diante disso, não é infundado supor que as transformações contemporâneas nos modos de fazer laço social — cada vez mais mediadas por telas — incidam também sobre a maneira como esse encontro fundador se realiza.

O ser humano se constitui no encontro com o outro, seja no âmbito familiar, seja no âmbito da cultura de modo geral, “só nos conhecemos como sujeitos por intermédio dos outros.” (Brunetto, 2008). Em 1949, Jacques Lacan formulou a teoria do estágio do espelho para descrever o momento de transição pelo qual a criança passa a fim de se distinguir do outro (Lacan, 1998). É possível traçar uma analogia entre esse processo e a hiperconectividade do cenário atual: em uma fase na qual o adolescente já precisa elaborar a separação em relação às figuras parentais, a imagem idealizada que ele projeta e consome nas redes acrescenta mais uma camada de complexidade a essa busca por identificação e pertencimento.

Diante desse quadro, impõe-se pensar criticamente sobre o impacto da virtualidade na vida dos adolescentes. Cabe, contudo, um adendo importante: o problema não reside na tecnologia em si, mas no modo como ela é utilizada. Manejada com consciência, a internet pode constituir uma ferramenta relevante para o aprendizado e para a ampliação do olhar sobre o mundo; utilizada em excesso, sem mediação reflexiva, pode acarretar prejuízos significativos ao desenvolvimento psíquico e social.

Cumpram ainda destacar que esta discussão não pretende demonizar a tecnologia, tampouco assumir um discurso saudosista segundo o qual “antigamente é que era bom”. O objetivo é justamente o oposto: compreender, a partir de um referencial teórico consistente, os mecanismos psíquicos em jogo nesse novo modo de se relacionar. Trata-se de reconhecer que o tensionamento em torno das questões vinculadas à tecnologia busca evidenciar a importância sobre o tipo de laço construído a partir dela, no que se refere às relações sociais e o desenvolvimento da alteridade do sujeito adolescente.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho segue uma abordagem qualitativa, de caráter indutivo, e se configura como uma pesquisa bibliográfica sobre os impactos da virtualidade no desenvolvimento da alteridade e nas relações sociais de adolescentes. Essa escolha metodológica se justifica pela própria natureza do fenômeno estudado, que envolve dimensões subjetivas, percepções, afetos, experiências que dificilmente cabem inteiras dentro de métodos quantitativos.

A etapa de levantamento e análise do referencial teórico foi ampliada, contemplando artigos científicos, livros e outras produções relevantes no campo da psicanálise e de áreas afins, com destaque para Freud, Lacan, Zygmunt Bauman, Sônia

Albert, Christian Dunker, Colette Soler, Andrea Brunetto. A leitura do material se deu de forma interpretativa, buscando amarrar diferentes contribuições teóricas na construção de uma leitura crítica sobre o tema proposto, tendo como fio condutor o diálogo entre a teoria psicanalítica clássica e as reconfigurações contemporâneas dos laços sociais provocadas pela cultura digital.

Vale destacar que esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar a vasta produção existente sobre adolescência e tecnologia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e interpretativo, na qual a escolha dos textos foi guiada pela pertinência teórica ao problema de pesquisa e pela possibilidade de diálogo entre os autores escolhidos.

3 ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE NA CULTURA DIGITAL

A leitura do referencial teórico deixa claro que a adolescência, enquanto período de transformações subjetivas intensas, encontra na contemporaneidade novos atravessamentos sobretudo mediados pela virtualidade. As encruzilhadas que levam a construção da identidade no que diz respeito ao individual e ao social se fazem presentes desde as primeiras formulações psicanalíticas freudianas. De acordo com Iannine e Santiago (1930/2020), Freud sustenta que o eu [Ich] pode se tornar facilmente homogêneo no contexto das massas, ao mesmo tempo em que se encontra, nessa mesma condição, radicalmente suprimido. Nesse sentido, os resultados teóricos apontam que o ambiente digital – pensado como efeito de massa e vinculado às problemáticas da civilização atual – funciona, ao mesmo tempo, como um espaço de experimentação identitária e como um terreno de vulnerabilidade psíquica.

Mal-estar que encaminha o sujeito para alienação do próprio desejo. Se, por um lado, as redes sociais oferecem múltiplos referenciais simbólicos que ajudam o adolescente a se conhecer como sujeito que ocupa um espaço em nossa sociedade e, assim, a construir essa nova versão de si, por outro alimentam uma engrenagem de comparação constante, reforçando ideais quase sempre fora de alcance. Esse movimento contribui para o aumento dos sentimentos de inadequação, ansiedade e fragilidade na autoimagem, retomando a discussão freudiana sobre o mal-estar na cultura e sobre a busca pela satisfação atrelada a ideais de beleza e reconhecimento.

3.1 Afetividade e mediação tecnológica

De acordo com Freud (1912/2019), a história do desenvolvimento humano — não distante do desenvolvimento da libido — se constitui a partir de duas correntes originalmente desencontradas, cuja união será fundamental para a vida futura do sujeito: a ternura e a sensualidade. A ternura se vincula às figuras de representação materna e paterna, responsáveis pelos investimentos das pulsões do eu na criança; posteriormente, na puberdade, instaura-se a corrente sensual, momento em que o adolescente precisa realizar a passagem dos investimentos libidinais infantis, voltados ao objeto de desejo primário, para outros objetos, já não familiares, que possibilitem uma vida sexual efetiva. A psicanálise afirma, desde essa formulação inicial, que o outro é inerente à constituição do sujeito — seja no campo do afeto e da sexualidade, seja no encontro que possibilita a fundação de uma alteridade, de um traço singular que não emerge sob os efeitos de supressão do discurso de massa.

A contemporaneidade vive, como fato dado, a realidade digital: o avanço das mais variadas ferramentas tecnológicas passa a integrar a vida do sujeito desde o início de sua existência, com consequências diretas sobre a estruturação de seus modos de interagir com o outro. A tecnologia assume função de mediação, mas tende, ao mesmo tempo, a reconfigurar as formas de expressão afetiva, muitas vezes esvaziando a densidade das relações. Nessa direção, Dunker (2017) sustenta que toda reformulação tecnológica convida a uma reconstrução das formas de cuidado e de educação das crianças; para o autor, a intoxicação pelo virtual desde a primeira infância pode comprometer elaborações psíquicas importantes, tanto no plano individual quanto no coletivo. Isso porque, se o trabalho de identificação junto ao Outro materno pressupõe também a importância de uma separação em relação a esse mesmo Outro, o mundo tecnológico — a exemplo dos tablets — oferece uma presença permanente, que não deixa espaço para um fazer criativo diante da falta do Outro.

A vida digital expõe as crianças a narrativas interessantes, variadas e complexas; contudo, a dificuldade de narrativizar o próprio sofrimento, de compartilhá-lo com outros e de problematizar seus destinos, De acordo com Christian Dunker (2017) associa-se a certos sintomas de linhagem atuativa. O autor relaciona a esse quadro manifestações como o *cutting*, o *binge*, a anorexia, a bulimia e a compulsão ao consumo — quando o comprometimento não recai diretamente sobre a fala, como ocorre no mutismo seletivo.

A comunicação digital, ainda que ágil e ampla, pode limitar a experiência do encontro com o outro em toda a sua complexidade, reduzindo a interação a respostas imediatas, superficiais ou mediadas por imagens. Isso repercute diretamente sobre o percurso do narcisismo diante das pequenas diferenças e da alteridade — pilares do desenvolvimento psíquico e social do adolescente. Ao cruzar essa discussão com a perspectiva psicanalítica, compreende-se que o adolescente constrói sua imagem não apenas no encontro presencial com o semelhante, mas também, na atualidade, por meio de imagens digitais cuidadosamente editadas e compartilhadas para produzir uma sensação de vínculo. Esse movimento intensifica processos identificatórios marcados por idealizações e pode dificultar o reconhecimento da própria falta — elemento estruturante do sujeito na teoria lacaniana.

Para Lacan (1988), é a falta que sustenta e impulsiona o desejo. À luz das considerações anteriores, o processo de busca por reconhecimento nas redes sociais pode ser lido sob outro registro: o de construção da própria imagem. Ainda que esse fenômeno produza uma sensação momentânea de completude, tais vivências não são capazes de sanar as ausências que verdadeiramente estruturam o sujeito

3.2 A lógica da comparação social nas redes

Um dos aspectos mais discutidos na literatura sobre adolescência e redes sociais é o fenômeno da comparação social entendido aqui não como uma tendência psicológica isolada, mas como um efeito estrutural do próprio funcionamento das plataformas digitais. Os algoritmos que decidem o que aparece na tela dos adolescentes tendem a priorizar conteúdos que geram mais engajamento, o que costuma coincidir com imagens ligadas a padrões de beleza, sucesso e bem-estar dificilmente alcançáveis no dia a dia real.

Esse mecanismo técnico, portanto, não é neutro do ponto de vista subjetivo: ele ajuda a sustentar e ampliar justamente aquilo que Freud (1930/2010) já apontava como a busca por medidas falsas de valor, associadas a poder, sucesso e riqueza. Sônia Albert (2009) aborda a adolescência como função importante na estruturação do sujeito adulto, ainda que não tenha o mesmo impacto que o infantil como período fundamental para constituição psíquica, a puberdade é um momento crucial na vida do sujeito. Considerando que a saída da infância é o momento em que o sujeito se depara com o

real do sexo, fazendo com que a puberdade seja o próprio encontro, malsucedido, traumático, com esse real. (Albert, 2009). A adolescência é o período das identificações, dos grupos, dos pertencimentos, das separações das primeiras alienações junto ao outro. Um movimento nada fácil de encontro consigo mesmo.

De tal modo, construir uma identidade coerente, já é tarefa complicada nessa fase do desenvolvimento, fica ainda mais desafiadora quando os referenciais externos disponíveis são, em sua maioria, editados e escolhidos a dedo para parecerem perfeitos. Uma penumbra que recobre os caminhos para o desejo, colocando o objeto *a*, falsamente, na bolha das generalizações. O que, mais cedo ou mais tarde, eclodirá nos sintomas ou no ato, cada vez mais distante da vida e da coragem de encará-la.

A imposição da perfeição da imagem e a multiplicidade dos olhares diante da exposição de si mesmo tem gerado um recuo que dialoga fortemente com a covardia existencial. O discurso da atualidade projeta sua própria sombra no sujeito, deixando a auteridade numa umbra muitas vezes difícil de emergir, tal qual uma noite eclipsada. Considerando que o real não cessa de se inscrever, o sintoma emerge, considerando que “os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões.” (Lacan, 1949, p. 103).

Na adolescência hiperconectada, o uso constante das redes sociais cria um verdadeiro labirinto digital, no qual os jovens buscam construir uma imagem perfeita e acabam imersos em uma vivência irreal, marcada pelo uso de filtros e edições. Nesse contexto, surge uma busca constante por aprovação e por recompensas rápidas, que pode estar relacionada a uma busca imediata - ainda que inconsciente - por estímulos prazerosos, como a liberação de dopamina. Soma-se a isso a comparação constante com esse mundo idealizado e irreal, o que pode influenciar a forma como o adolescente percebe a si mesmo e a própria realidade.

A falta de empatia pode levar à dificuldade de reconhecer sentimentos reais e expressões genuínas do outro. Nesse contexto, a alteridade - isto é, a capacidade de reconhecer e considerar o outro em sua singularidade - acaba se enfraquecendo e, gradualmente, pode se perder. Como consequência, surgem diversos agravantes psicológicos, entre eles, a ansiedade para manter-se constantemente dentro de um padrão de “perfeição”, o medo profundo da não “aceitação” e a solidão, mesmo diante de uma realidade marcada pela hiperconectividade.

3.3 Tempo, corpo e presença na experiência digital

Outro ponto importante para pensar a identidade adolescente na cultura digital diz respeito à relação com o tempo e com o corpo. De acordo com Lacan (1958, p. 700): “É na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo que se ordena o desenvolvimento”. Os efeitos sobre o corpo de um ser em desenvolvimento, ainda que transitando pelo tempo e suas variantes culturais, traz junto ao outro o jogo da demanda de amor como parte fundamental no processo de constituição e identificação em seu percurso de sujeito. Um corpo vivo, atravessado pelos efeitos da linguagem e das coisas que se montam a partir dela, nos desafios de viver em sociedade.

Diferente da experiência presencial marcada pela irreversibilidade e pela presença de carnal do outro, a experiência digital permite editar, repetir e controlar a própria imagem antes de ela ir ao ar. Essa possibilidade de controle, embora dê ao adolescente uma sensação passageira de segurança sobre como vai ser percebido, também pode afastá-lo do exercício fundamental para o amadurecimento psíquico de lidar com a espontaneidade e a imprevisibilidade próprias do encontro real com o outro. Ou seja, com a falta.

Quando boa parte das trocas sociais passa a acontecer mediada por telas, a dimensão corporal do encontro, o olhar, o tom de voz, o silêncio, o toque, acaba reduzida a signos textuais e visuais, o que empobrece, ainda que não elimine de vez, a riqueza da experiência entre sujeitos necessária ao desenvolvimento da alteridade.

3.4 Identidade narrativa e a construção do “eu” nas redes

Um aspecto pouco explorado na literatura clássica, mas que ganha peso no cenário contemporâneo, é a dimensão narrativa da construção identitária nas redes sociais. Ao publicar fotos, vídeos e textos sobre o próprio cotidiano, o adolescente não apenas registra experiências: ele constrói ativamente uma narrativa sobre quem é, escolhendo o que mostrar e o que esconder, num processo contínuo de edição de si mesmo. Essa narrativa pública, construída em diálogo constante com o olhar de seguidores e colegas, passa a funcionar como um espelho a mais um que devolve ao adolescente não só sua imagem física, mas também uma versão cuidadosamente recortada de sua própria história.

O adolescente muitas vezes passa a investir mais energia psíquica em manter uma imagem pública idealizada do que em elaborar suas experiências reais, muitas vezes ambivalentes e contraditórias, como costuma ser nessa fase da vida. Como afirma Albert (2009, p. 65): “Não há sujeito a quem mais incomode a expressão do adulto “O que os outros vão dizer?! do que o adolescente.” A busca por pertencimento o coloca diante da necessidade constante de aprovação. Ele precisará suportar o não saber tudo, a falha, sustentado pelo desejo de ir além da verdade do Outro. Se permanece aprisionado e cada vez mais distanciado de sua verdade, é o sofrimento e o desamparo que será seu guia. Podendo nascer um sentimento de incongruência entre “quem se é” e “quem se mostra ser”. A sensação de que a própria vida, comparada à narrativa idealizada de outros perfis, é menos interessante ou menos bem-sucedida tende a alimentar aqueles sentimentos de inadequação já mencionados, num ciclo que se retroalimenta: quanto maior a insatisfação com a própria experiência, maior a busca por validação externa por meio de novas publicações, cada vez mais idealizadas.

4 O ESTÁGIO DO ESPELHO E A IDEALIZAÇÃO DA IMAGEM DIGITAL

A teoria do estágio do espelho, formulada por Lacan (1998) em 1949, descreve o momento em que a criança, ao se reconhecer na imagem refletida, constitui uma primeira noção unificada de si mesma, ainda que essa imagem seja, desde o início, uma espécie de antecipação: uma forma mais completa e coesa do que aquilo que a criança de fato experimenta em seu corpo fragmentado. Essa imagem no espelho funda o eu como uma instância marcada pela alienação, já que o sujeito só se reconhece a partir de uma imagem que vem de fora.

É possível traçar uma analogia entre esse processo e a experiência da hiperconectividade contemporânea. Nas redes sociais, o adolescente também se depara com imagens de si e do outros perfis, fotografias e vídeos cuidadosamente escolhidos e editados que funcionam como espelhos digitais, oferecendo uma imagem idealizada e antecipada de uma completude que raramente coincide com a experiência subjetiva do dia a dia.

Ainda que não se equipare aos efeitos do estágio do espelho nos primeiros momentos de uma existência, a adolescência também precisa ser pensada no trato da estruturação de um corpo novo, ainda que sempre remontando a algo já inicialmente apresentado a um ideal do eu. O que significa, que as problemáticas do mundo digital

não se encontraram separadas deste primeiro momento constitutivo junto ao outro, marcando, necessariamente, não mais o momento de alienação, mas, de separação.

Numa fase em que o adolescente já está às voltas com a separação das figuras parentais e com a busca por identificação e pertencimento, a multiplicação desses espelhos digitais tende a intensificar a problemática identitária própria do período. Nesse processo, perde-se parte da capacidade simbólica adquirida pela via da experiência metaforizada nos encontros presenciais com o outro.

Quando essa capacidade se fragiliza, sobra ao sujeito, muitas vezes, apenas o ato, algumas vezes contra si, outras vezes contra o outro, o que expressa uma compreensão fragmentada de alteridade e de existência. A idealização constante da imagem, sustentada pela lógica das curtidas e da aprovação alheia, pode assim dificultar o exercício de reconhecer a própria falta, elemento que, na perspectiva lacaniana, é estruturante para a constituição do sujeito.

4.1 O olhar do outro e a curtida como aprovação

Na experiência descrita por Lacan (1998), reconhecer a própria imagem no espelho depende, em grande parte, do olhar e da resposta de um adulto que sustenta essa imagem, dando sentido a ela. É esse olhar de fora que autoriza a criança a se apropriar simbolicamente da própria imagem. Guardadas as devidas proporções e as diferenças estruturais entre esse momento fundador do desenvolvimento e a experiência adolescente nas redes sociais, dá para pensar que a curtida, o comentário e o compartilhamento cumprem, no ambiente digital, uma função parecida com a do olhar do Outro que confirma ou desconfirma a imagem publicada.

Essa analogia, claro, não pretende igualar dois momentos tão distintos do desenvolvimento psíquico, mas apontar para uma continuidade estrutural: a constituição do eu sempre depende, em alguma medida, do reconhecimento do outro. O problema, então, não está no fato de o adolescente buscar aprovação – algo esperado, até necessário nessa fase da vida – mas na possibilidade de essa busca virar excesso e acabar substituindo formas mais consistentes de reconhecimento, como as que vêm dos vínculos familiares e das amizades presenciais.

4.2 Entre o corpo fragmentado e a imagem total

Lacan (1998) descreve o momento anterior ao estágio do espelho como marcado por uma vivência de corpo fragmentado, ainda sem unidade. A imagem no espelho oferece, pela primeira vez, uma representação unificada, ainda que ilusória dessa totalidade. De acordo com Brunetto (2008, p. 56): “a imagem do semelhante aparece como uma intrusão narcísica: introduz uma unidade com a qual o sujeito se identifica, mas ao mesmo tempo se confunde, perde-se e aliena-se”.

Na adolescência, esse jogo entre fragmentação e totalidade volta à cena de outra forma: as transformações corporais da puberdade colocam o jovem, de novo, diante de um corpo que, às vezes, lhe soa estranho, ainda não totalmente domesticado. Nesse contexto, a possibilidade de produzir e controlar uma imagem digital de si escolhendo ângulos, filtros, enquadramentos, pode funcionar como uma tentativa de recompor artificialmente essa sensação de unidade, buscando na tela o que o corpo real, em transformação, ainda não entrega com a mesma estabilidade.

Essa tentativa, embora compreensível do ponto de vista subjetivo, carrega um risco importante: quando a imagem idealizada e editada passa a servir de régua de comparação para o próprio corpo real, o adolescente pode desenvolver uma relação de estranhamento ou até de hostilidade com a própria aparência, já que o padrão ao qual se compara não corresponde a nenhuma existência de fato vivida, mas a uma construção imagética montada pra parecer perfeita.

4.3 A alienação constitutiva e seus desdobramentos contemporâneos

Um dos pontos centrais da formulação lacaniana sobre o estágio do espelho é a ideia de que o eu se constitui, desde a origem, numa relação de alienação: o sujeito só se reconhece a partir de uma imagem que lhe é, ao mesmo tempo, própria e estranha, já que vem de fora do espelho, ou do olhar do outro. Essa alienação constitutiva não é, em si, patológica; pelo contrário, é condição necessária para que qualquer eu se constitua. O que está em jogo, na discussão proposta por este artigo, não é a existência da alienação inevitável e estruturante, mas a possibilidade de que certas configurações culturais a intensifiquem de um jeito particularmente desafiador para o sujeito em formação.

Nesse sentido, dá para pensar que a multiplicação de espelhos digitais contemporâneos, cada perfil, cada feed, cada plataforma oferecendo uma versão distinta de imagens idealizadas, tende a multiplicar também os pontos de alienação possíveis, sem que o adolescente disponha necessariamente de tempo e de recursos simbólicos

suficientes para elaborar cada uma dessas identificações. Diferente do momento fundador do estágio do espelho, que acontece num contexto relativamente contido, sustentado pelo olhar de um adulto de referência, os espelhos digitais se apresentam de forma dispersa, contínua e, muitas vezes, sem nenhuma mediação adulta por perto.

Essa dispersão coloca um desafio a mais no processo de constituição subjetiva na adolescência: se, por um lado, é esperado até desejável que o adolescente amplie suas fontes de identificação para além do núcleo familiar, buscando outros modelos e referências, por outro a multiplicação excessiva e pouco mediada de imagens idealizadas pode dificultar a integração dessas experiências numa narrativa subjetiva coerente.

5 ALTERIDADE, MODERNIDADE LÍQUIDA E O ROSTO DO OUTRO

A leitura de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida ajuda a entender a fragilidade dos vínculos contemporâneos. Segundo o autor, as relações de hoje tendem a ser mais fluidas, instáveis e passageiras, algo que impacta diretamente a capacidade do adolescente de sustentar laços duradouros. Essa lógica relacional dificulta o desenvolvimento da alteridade, já que o outro passa a ser mais facilmente substituído, tal como acontece com um perfil que se deixa de seguir ou um contato que se apaga com um único toque na tela.

A discussão se aprofunda ao se cruzar com a ética da alteridade proposta por Levinas (2008), que aponta a importância do encontro com o rosto do outro como fundamento das relações verdadeiramente humanas. No contexto virtual, esse encontro é, com frequência, mediado ou até ausente, o que pode alimentar processos de desumanização, como se vê em práticas de agressividade, exclusão e indiferença nas interações on-line. A ausência do corpo e da presença física tende a reduzir a percepção do outro como sujeito, comprometendo o exercício do respeito ao que é, de fato, a diferença.

Outro aspecto relevante diz respeito ao papel das relações familiares nesse cenário. O enfraquecimento dos vínculos parentais, somado à ausência ou à resistência da função parental, aparece como fator que potencializa o isolamento do adolescente no ambiente virtual. Quando o suporte simbólico oferecido pela família se enfraquece, o adolescente pode buscar nas redes sociais um espaço de reconhecimento e

pertencimento ainda que de forma precária e insuficiente para sustentar sua constituição subjetiva.

Por outro lado, os resultados também mostram que a virtualidade não deve ser vista só como espaço de risco. A literatura consultada aponta que as redes sociais podem funcionar como importantes dispositivos de apoio, sobretudo para adolescentes que encontram nelas possibilidades de expressão, identificação e acolhimento como é o caso de grupos ligados à saúde mental, à diversidade e a causas sociais, que podem favorecer a construção de vínculos significativos e o fortalecimento da identidade.

Diante disso, a discussão aponta para a necessidade de uma compreensão nada reducionista da virtualidade. O que fica evidente não é propriamente uma oposição entre mundo real e mundo virtual, mas a importância de um equilíbrio entre essas dimensões. A presença de espaços de escuta, tanto na família quanto na escola e nos contextos clínicos, se mostra fundamental para sustentar o adolescente em seu processo de constituição subjetiva, favorecendo o desenvolvimento de relações mais empáticas, éticas e duradouras.

5.1 A função parental na sustentação simbólica do adolescente

Albert (2004) discute a centralidade da função parental como mediadora entre o adolescente e a cultura, destacando que é por meio desse suporte simbólico que o jovem encontra referências para elaborar sua própria posição diante do outro. Quando esse suporte se fragiliza, seja por ausência concreta dos pais, seja por dificuldades na comunicação familiar, o adolescente tende a buscar em outros espaços, entre eles as redes sociais, formas alternativas de sustentação identitária. O problema não está na busca em si, que é esperada e até saudável, mas na possibilidade de o ambiente digital, pela própria estrutura, oferecer respostas rápidas e superficiais para questões que poderiam ter uma elaboração mais profunda e demorada.

Nesse sentido, a família não perde importância na era digital, pelo contrário: sua função de mediação simbólica se torna ainda mais necessária diante da multiplicidade de estímulos e referências às quais o adolescente está exposto. Isso não significa defender um controle rígido ou proibitivo do uso das tecnologias, mas sim uma presença atenta, capaz de conversar sobre as experiências vividas no ambiente virtual e de ajudar o jovem a relativizar as imagens idealizadas com as quais esbarra todos os dias.

5.2 Redes sociais como espaço de acolhimento e pertencimento

Vale reafirmar que a virtualidade não se resume aos seus riscos. Para muitos adolescentes, sobretudo aqueles que vivenciam alguma forma de exclusão em seus contextos presenciais por questões ligadas à orientação afetivo-sexual, à saúde mental, a características físicas ou a interesses pouco compartilhados no ambiente escolar, as redes sociais podem representar um espaço importante de identificação e acolhimento. Comunidades on-line voltadas a temas específicos permitem que o jovem encontre outros que vivem experiências parecidas com as suas, o que pode contribuir bastante para a construção de uma identidade mais integrada.

Esse lado positivo, porém, não anula a necessidade de atenção aos limites entre um uso que amplia as possibilidades de encontro e um uso que as substitui por completo. A questão central, retomando o que já foi dito, não é o meio em si, mas o lugar que ele ocupa na economia psíquica do adolescente: se funciona como complemento e ampliação das relações presenciais, ou se passa a ocupar, sozinho, o espaço que deveria ser dividido com vínculos mais amplos e diversos.

6 EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E USO CONSCIENTE DAS TECNOLOGIAS

A discussão desenvolvida ao longo deste artigo aponta para a necessidade de se pensar, de forma mais sistemática, em estratégias de educação midiática voltadas especificamente para adolescentes. Entende-se por educação midiática o conjunto de práticas pedagógicas que buscam desenvolver no indivíduo a capacidade de compreender criticamente os conteúdos que consome e produz nas mídias digitais, reconhecendo seus mecanismos de funcionamento, suas intenções comerciais e seus efeitos subjetivos. Como lembra Dunker (2017, p. 146), é preciso encontrar uma via possível para seu uso:

Pais que usam a vida digital como pacificador, que não falam, não se interessam nem participam do universo simbólico que ela traz consigo, que demonizam a cultura digital como se fosse uma droga ou uma má companhia da qual devemos proteger os mais jovens, estão contribuindo direta ou indiretamente para a intoxicação digital de seus filhos e para a crença, esta sim perigosa, de que o demônio está nos objetos e nas linguagens, e não no que fazemos com elas.

No contexto discutido neste trabalho, a educação midiática ganha um papel especialmente relevante ao possibilitar que o adolescente entenda, por exemplo, que as imagens que consome nas redes sociais são resultado de escolhas editoriais e técnicas enquadramentos, filtros, iluminação, edição e não retratos fiéis e espontâneos da realidade vivida por outras pessoas. Essa compreensão, ainda que não elimine por completo os efeitos psíquicos da comparação social, pode ajudar a relativizar o peso atribuído a essas imagens idealizadas, funcionando como uma espécie de mediação simbólica a mais entre o adolescente e o conteúdo que consome.

6.1 Limites entre uso saudável e uso problemático

Um desafio recorrente, tanto na literatura quanto na prática clínica e educacional, é estabelecer critérios claros para diferenciar um uso saudável de um uso problemático das redes sociais na adolescência. Não se trata de fixar um número mágico de horas de tela como parâmetro universal, já que o impacto subjetivo do uso das tecnologias varia conforme a história de vida, o contexto familiar e as características de cada adolescente. Mais importante do que a quantidade de tempo dedicado às redes é a qualidade dessa relação: se o uso das tecnologias amplia as possibilidades de expressão, aprendizado e vínculo do adolescente, ou se, ao contrário, vai tomando o lugar de outras experiências fundamentais para o seu desenvolvimento.

Alguns sinais podem indicar que o uso das redes sociais está assumindo um caráter problemático, entre eles: o isolamento progressivo em relação a atividades presenciais que antes eram valorizadas pelo adolescente; a piora significativa do humor associada à comparação constante com outros perfis; a dificuldade crescente de tolerar frustrações e conflitos nas relações presenciais; e o uso das redes como principal ou única fonte de validação pessoal. Ou também a compreensão de que “o primeiro sinal da intoxicação digital é a experiência de ausência de si”. (Dunker, 2017, p. 145).

A presença desses sinais não configura, por si só, um diagnóstico, mas pode orientar familiares, educadores e profissionais de saúde mental sobre a necessidade de uma escuta mais atenta e, quando for o caso, de encaminhamento para acompanhamento especializado.

Cabe destacar, ainda, que a distinção entre uso saudável e uso problemático não deve ser construída de forma unilateral, pelos adultos, mas em diálogo com o próprio adolescente, reconhecendo sua capacidade de refletir sobre as próprias experiências

digitais quando lhe é oferecido um espaço de escuta genuína, livre de julgamentos apressados. Essa postura de diálogo, coerente com os pressupostos éticos discutidos por Levinas (2008) sobre o reconhecimento do outro como sujeito, é também a que melhor favorece a construção de uma relação de confiança entre adolescentes e adultos de referência.

6.2 O papel da linguagem e da simbolização

Retomando a contribuição de Mendes (2020), vale destacar que a condição de sujeito falante implica estar sempre banhado pela linguagem e pela cultura, e é justamente por meio da linguagem que a experiência inclusive a experiência digital pode ser simbolizada e elaborada. Nesse sentido, uma das funções mais importantes que a família, a escola e a clínica podem cumprir junto ao adolescente é oferecer palavras para nomear aquilo que ele vive nas redes sociais: a angústia diante da comparação, a alegria genuína de um encontro on-line significativo, a frustração de uma publicação que não recebeu a resposta esperada.

Quando essas experiências ficam sem nome, correm o risco de se manter no registro do ato ou da repetição automática o adolescente que compulsivamente verifica notificações, que publica e apaga o mesmo conteúdo várias vezes, que compara a própria vida a perfis idealizados sem conseguir relativizar essa comparação. Ou seja:

(...) no caso de o próprio sujeito se enganar sobre seu desejo, a relação com o saber o paralisará na ficção de uma presumida incapacidade como uma bola de neve, essa incapacidade remete, mais uma vez, tanto a inibição quanto a depressão ou um jogo de palavras a depreciação em que o sujeito se instala. E, no entanto... há tanto saber na adolescência! (Albert, 2004, p. 43).

Colocar essas vivências em palavras, dentro de um espaço de escuta acolhedor, é o que permite transformar uma experiência potencialmente avassaladora em material que pode ser elaborado psiquicamente e isso está no cerne de qualquer processo de desenvolvimento saudável. Esse processo de simbolização, vale ressaltar, não elimina a tensão constitutiva entre idealização e realidade, entre imagem e experiência vivida, já que essa tensão faz parte da própria condição humana, e não é uma patologia a ser curada. O que a simbolização possibilita é que essa tensão seja vivida de um jeito menos avassalador, permitindo ao adolescente construir recursos internos para lidar com ela ao longo da vida inclusive pra além da adolescência, em suas futuras relações afetivas, profissionais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das investigações desenvolvidas, fica evidente que a adolescência, enquanto fase marcada por transformações subjetivas intensas, encontra na contemporaneidade novos atravessamentos ligados à virtualidade. O uso das redes sociais influencia diretamente a construção da identidade, das relações sociais e da alteridade: ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de expressão e pertencimento, também pode fragilizar vínculos e intensificar sofrimentos psíquicos.

Com base nas contribuições da psicanálise, sobretudo em Freud e Lacan, entende-se que o sujeito se constitui na relação com o outro. Quando essa relação passa a ser mediada, quase o tempo todo, por telas, podem surgir dificuldades na construção de vínculos mais consistentes e no reconhecimento do outro em sua dimensão humana. A analogia entre o estágio do espelho e os espelhos digitais contemporâneos ajudou a mostrar como a busca por uma imagem idealizada de si, sustentada pela aprovação alheia nas redes, tende a reatualizar, de forma ampliada, a alienação constitutiva já descrita por Lacan.

Ao mesmo tempo, a virtualidade não deve ser entendida só como espaço de risco, mas também como campo de possibilidades, desde que acompanhada de orientação, escuta e reflexão. Nesse sentido, família, escola e profissionais de saúde mental assumem papel fundamental na sustentação do adolescente em seu processo de desenvolvimento, sendo importante que consigam manter espaços de diálogo capazes de acolher as ambivalências próprias dessa fase.

As implicações discutidas para a família, a escola e a clínica psicológica reforçam que a resposta a esse cenário não pode ficar restrita a uma única instância de cuidado. Trata-se de um esforço conjunto, no qual diferentes espaços de convivência do adolescente sejam capazes de oferecer, cada um a seu modo, oportunidades de escuta e de encontro que funcionem como contraponto à lógica de comparação e idealização tão presente nas redes sociais.

Do ponto de vista da formação em Psicologia, este trabalho reforça também a importância de que futuros profissionais estejam preparados para lidar com as demandas específicas trazidas pela cultura digital, articulando o repertório teórico clássico da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento a uma compreensão atualizada dos fenômenos próprios da contemporaneidade. Essa articulação, que guiou a construção

deste artigo desde a concepção, mostrou-se fundamental para evitar tanto uma leitura tecnofóbica, que ignora as possibilidades positivas da virtualidade, quanto uma leitura ingênua, que não enxerga seus riscos subjetivos pro desenvolvimento adolescente.

Retomando o objetivo geral proposto na introdução, entende-se que o uso excessivo e pouco mediado da virtualidade interfere nas relações sociais dos adolescentes principalmente por intensificar mecanismos de comparação e idealização já presentes na cultura, ao mesmo tempo em que reduz a densidade das trocas simbólicas necessárias ao desenvolvimento da alteridade. Essa interferência, porém, não é inevitável, nem irreversível e depende, fundamentalmente, da qualidade da mediação oferecida pelos adultos e instituições responsáveis pelo acompanhamento desse adolescente.

Como limitação deste estudo, destaca-se que a reformulação metodológica, que trocou a pesquisa de campo por uma revisão exclusivamente bibliográfica, restringiu a possibilidade de contato direto com as vivências dos próprios adolescentes. Fica como sugestão para pesquisas futuras a realização de entrevistas ou grupos focais que permitam aprofundar, a partir da fala dos próprios jovens, as questões aqui discutidas apenas no plano teórico, bem como investigações que considerem diferenças de gênero, classe social e contexto escolar na forma como os adolescentes vivenciam essas questões. Ainda assim, conclui-se que é preciso promover um uso mais consciente das tecnologias, incentivando relações pautadas no respeito, na empatia e no reconhecimento do outro tanto no ambiente virtual quanto no presencial.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Sônia. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRUNETTO, Andréa. **Psicanálise e educação**: sobre Hefesto, Édipo e outros desamparados dos dias de hoje. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

DARRIBA, Vinicius. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 63-76, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000100005>.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. *In*: MORAES, Maria Rita Salzano; HELIODORO, Pedro; IANNINI, Gilson (org.). **O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2025. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelado na experiência psicanalítica (1949). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 93-102.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

MENDES, Elzilaine Domingues. Impasses na constituição do sujeito causado pelas tecnologias digitais. **Revista Subjetividades**, [online], v. esp. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iesp2.e8984>. Acesso em: 19 abr. 2026.

SOLER, Colette. **O que faz laço?** Tradução: Elisabeth Saporiti. São Paulo: Escuta, 2016.

Créditos de autoria

Os autores contribuíram igualmente com a conceituação, escrita e revisão do artigo.

Declaração sobre conflito de interesses

Não há possíveis conflitos de interesse na realização e comunicação das pesquisas.

Informações sobre financiamento

Esta pesquisa não foi realizada com financiamento ou apoio.

Declaração de Disponibilidade de Dados

A disponibilidade de dados não se aplica a este artigo, pois nenhum dado/novo dado foi criado ou analisado neste artigo.

Declaração sobre o Uso de Inteligência Artificial

Sim, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial (IA) no desenvolvimento deste trabalho. Foi utilizado o assistente de inteligência artificial Claude com o propósito de revisão de linguagem e correção gramatical em algumas partes da escrita.

Artigo recebido em: 7/08/2026

Artigo aceito para publicação em: 28/08/2026.

Indexadores:

